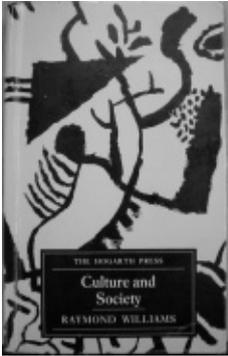


Cinqüentenário de um discurso cultural fundador



WILLIAMS, R. *Culture and society – 1780-1950*. [Londres, Longman, 1958]. *Cultura e sociedade*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969.

A genealogia dos Estudos Culturais é objeto de dissenso nos meios acadêmicos. No entanto, pode-se localizar seu nascimento no conjunto de obras publicadas por Richard Hoggarts, Raymond Williams e Edward P. Thompson entre 1956 e 1963. Particularmente, em *Culture and society*, de Williams, em 1958. Dos estudiosos da primeira geração dos Estudos Culturais, ele foi um dos que mais prestaram atenção aos problemas da comunicação, compreendendo a mídia no contraste com uma vista mais ampla da sociedade e da cultura. As bases de suas concepções a respeito da cultura estão estabelecidas no método e no trabalho de *Culture and society*. No Brasil, o livro ganhou uma única edição, em 1969, da Companhia Editora Nacional, jóia a ser garimpada em lojas de livros usados. A introdução e parte da tradução são de Anísio Teixeira.

O objetivo é compreender como o conceito de “cultura” ganhou o significado atual. Essa concepção da palavra passou a ser utilizada na língua inglesa a partir da Revolução Industrial, associada a transformações sociais da época. Essa percepção das relações entre a linguagem e a sociedade pode estar vinculada aos estudos de Williams sobre literatura inglesa e, ao mesmo tempo, a uma interpretação do marxismo privilegiando o aporte cultural. Aliás, Williams refere-se ao “uso” da palavra

mais do que propriamente ao “significado”, deixando visível sua compreensão da linguagem como uma ação.

Williams abre o livro definindo uma série de conceitos que também passaram por transformações no mesmo período. “Arte”, “indústria”, “democracia” e “classe” são usados para pensar o conjunto de termos vinculados à idéia de “cultura” e que sofreram mudanças semelhantes. Essa prática de colocar os conceitos como “palavras-chave” no início do livro se repetirá em *Marxism and literature* e finalmente será desenvolvida em todo o potencial no livro *Keywords*, uma espécie de glossário dos Estudos Culturais. Em *Culture and society* essa prática ainda é incipiente, sendo que apenas quatro conceitos são explicados de maneira a enquadrar a noção de “cultura” em sua relação com outras palavras. O principal, segundo a intenção do autor, é mostrar em qual medida as transformações sociais implicam mudanças no uso das palavras e, portanto, no modo de pensar e na concepção de mundo dos indivíduos.

De acordo com o autor, existe uma transformação no uso da palavra “cultura” a partir da transição do século XVIII para o século XIX. Até então, o sentido era de “cultivo” vinculado à terra, à natureza e ao crescimento natural das coisas – inclusive do homem. A cultura, assinala, era a cultura de alguma coisa e estava ligada à produção natural, enquanto as palavras “arte” e “indústria” referiam-se à produção material de objetos, textos, pintura, música e qualquer outro elemento por pessoas dotadas de uma habilidade específica. E, por último, esse período vê a autonomia da palavra “cultura”.

A partir de então, ela passa a ser usada de maneira independente, não como o processo de crescimento mas como um substantivo responsável por designar ao mesmo tempo: (a) o estado geral ou hábito da mente; (b) o estado de desenvolvimento intelectual de uma sociedade, pensada como um todo; (c) o conjunto das artes; e (d) um modo de vida material e intelectual. Na conclusão do livro essa concepção é articulada com os Estudos de Comunicação.

Williams tem como alvo a idéia de “massa”. Escrevendo em 1958, o autor parte de uma percepção óbvia o suficiente para ser ignorada: massa são os outros. Ninguém vê a si

mesmo como “massa”. Ao se pensar na mídia, o potencial de influência é tomado geralmente em termos do que a mídia faz com os outros, como se aquele que enuncia a frase estivesse à parte. A conclusão é explícita:

Não há massas. O que há são maneiras de ver as pessoas como massas. Essa maneira de ver os outros, característica de nossa época, foi capitalizada para a exploração política ou cultural. O que vemos, de maneira neutra, são outras pessoas, muitas outras, desconhecidas para nós. Na prática, nós as vemos como massas e os interpretamos conforme essa fórmula conveniente. É a fórmula, não a massa, que devemos examinar (p. 300).

Assim, do mesmo modo como desloca o foco do estudo da cultura para uma história do uso e da formação do conceito de cultura no corpo do livro, Williams mostra os direcionamentos políticos da idéia de massa. O passo seguinte é encontrar e questionar um conceito derivado, “comunicação de massa”.

Nós precisamos olhar novamente esses elementos familiares para podermos analisar de maneira adequada a idéia de “comunicação de massa”. [...] Nós deixamos de perceber, nesse ponto, que muito do que chamamos “comunicação” não vai além da ‘transmissão, uma mensagem de mão única. Recepção e resposta, que completam a comunicação, dependem de outros fatores além da técnica (p. 301).

Se não existe uma “massa”, dificilmente existe uma forma de comunicação para ela. De fato, Raymond Williams propõe que a comunicação seja entendida em termos de “comunidade”, não de massa. Jogando com a raiz compartilhada pelas duas palavras – “communis”, “tornar comum”, que em *Keywords* será pensada ao mesmo tempo como “transmitir” e “compartilhar” –, o autor mostra que as mensagens da comunicação são recebidas por indivíduos em comunidades, não por uma massa.

Não se trata de negar o poder da mídia na construção de idéias e opiniões, mas de desvincular esse conceito do determinismo técnico comum nas pesquisas contemporâneas ao livro de Williams. Nesse sentido, ele indica que

comunicação não é somente transmissão, é também recepção e resposta. Numa cultura em transição, é possível que uma transmissão bem organizada afete aspectos das ações e crenças, às vezes de maneira decisiva (p. 313).

Entre os desafios à idéia de massa estão as falhas no desenvolvimento de suas práticas. Uma comunicação voltada para as massas, levando em conta que essa categoria fosse verdadeira, seria um poder sem limites. Ao contrário, evidências sugerem que o estabelecimento de regimes de comunicação voltados para a imposição de significados encontra seu contraponto na estruturação de resistências igualmente culturais.

A comunicação de massa tem evidente sucesso nos sistemas econômicos e sociais aos quais seus métodos correspondem. No entanto, falhou e continua a falhar quando suas transmissões encontram não uma confusa incerteza, mas uma experiência segura e bem formulada (p. 313).

Aqui pode ser vista com mais detalhes a diferença entre os estudos de recepção e as pesquisas de audiência. Trata-se, em princípio, de uma diferença na postura teórica adotada. As pesquisas de audiência, mesmo as vinculadas a “usos e gratificações” do receptor, estão, aos olhos de Williams, centradas na técnica, nos meios e nos resultados desses meios. Mais do que isso, essas pesquisas são feitas para implementar e melhorar o desempenho da máquina com vistas a aperfeiçoar sua capacidade de comunicação para uma massa. Por outro lado, os estudos de recepção, de acordo com o método usado no livro todo, procuram compreender os usos da mensagem na vida cotidiana de indivíduos vinculados à comunidades. Daí Raymond Williams afirmar, mais tarde, que “não existe teoria da comunicação desvinculada de uma teoria da comunidade” (p. 313).

Vale notar um detalhe na metodologia. Williams parece perseguir os caminhos de um significado ao longo de 250 anos – isto é, a história de um uso social da palavra e das transformações de sentido provocadas, ou ao menos influenciadas, pelas condições

históricas e sociais nas quais essa palavra é usada. É possível notar uma preocupação em estabelecer uma relação entre a produção de significados e as condições materiais dessa produção, conjugando estudos de Literatura, Linguagem, História e Sociologia. Nesse sentido, as palavras no final do prefácio de *Culture and society* ganham tintas de manifesto teórico-metodológico:

É possível ir além disto até um completo restabelecimento dos princípios, pensando a teoria da cultura como uma teoria da relação, os elementos de um modo de vida. Nós precisamos também, nesses termos, examinar os detalhados processos de expansão da cultura. Vivemos em um período de expansão cultural, embora desperdicemos muito mais as nossas energias tentando negar o fato do que nos esforçando para entender sua natureza e [suas] condições. É necessário e urgente um trabalho de revisão factual da história que aprendemos, em termos de compreender questões como a capacidade de leitura, os níveis de educação e a imprensa. Finalmente, no campo da crítica, devemos estar aptos para expandir nossos métodos de análises, em relação com as redefinições das atividades criativas e de comunicação, no qual vários tipos de investigação são possíveis.

Luís Mauro Sá Martino

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP,
é professor da Faculdade Cásper Libero.